

Vai passar!?

Ana Lúcia Mandelli de Marsillac¹

“Ler pelo não, quem dera!
Em cada ausência, sentir o cheiro forte
do corpo que se foi,
a coisa que se espera.
Ler pelo não, além da letra,
ver, em cada rima vera, a prima pedra,
onde a forma perdida
procura seus etcéteras.
Desler, tresler, contraler,
enlear-se nos ritmos da matéria,
no fora, ver o dentro e, no dentro, o fora,
navegar em direção às Índias
e descobrir a América.”
Paulo Leminski, Ler pelo não²

Vivemos um presente denso.

A pandemia é próxima a uma experiência de guerra, regime de exceção, excesso de real que nos invade e tende a nos paralisar.

Vai passar!³

Quem de nós já não falou ou ouviu essa frase, nos últimos meses?

Essa frase ressoa... O que queremos que passe?

Que passe a pandemia! Que passe esse massacre! Que passe essa clausura! Que voltemos à vida normal!?

Mas o que era normal?

O vírus, em sua ânsia de se reproduzir, nos fez diminuir o ritmo. Mudou nossos hábitos, confrontou-nos de forma radical com o risco de morte, escancarou que o sistema “normal” é perverso. A norma é a perspectiva dominante, que se expõe nesse tempo em sua radicalidade minoritária e impositiva.

No Brasil, assim como em outras partes do mundo, as mortes pelo Vírus são subnotificadas. Infelizmente, são ainda maiores os números do que aqueles registrados⁴.

¹ Psicanalista, Membro da APPOA, Prof. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFSC, Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas UFSC, Dra. em Artes Visuais – História, teoria e crítica UFRGS, Pós doutora Universidade Nova de Lisboa.

² (2013, p. 223)

³ Frase refrão da canção de Chico Buarque, que em 1985, ironizava e criticava a ditadura brasileira, que oficialmente estava finalizando naquele ano. <https://www.youtube.com/watch?v=P6C5bZOr3xQ>

⁴ “Uma segunda estratégia para estimar o número de casos subnotificados foi a comparação dos registros de óbitos por Covid-19 e SRAG, no mesmo período. “Subnotificações de óbito podem ocorrer

A grande maioria dos óbitos é da população mais carente, que não pode parar, que é o mais frágil grupo de risco, possuindo, muitas vezes, baixa imunidade, com precárias condições de higiene e distanciamento em suas casas, fatores estes fundamentais no enfrentamento do Vírus⁵. O Vírus escancarou o *Apartheid* que vivemos no Brasil⁶, bem como a diferença radical do que é o normal para cada classe social. O direito à quarentena não é para todos.

O Vírus revelou quantas coisas que são desnecessárias, que podemos viver com bem menos do que vivíamos. Também nos possibilitou ter outra experiência com o tempo: o tempo da casa; a intensidade da relação com a família, com os que moram sob o mesmo teto; o tempo lento da saudade.

Embaralhou as esferas do privado e do público. Trouxe mais intensamente o trabalho e a escola para o universo íntimo. Revelou as diferenças de acesso às ferramentas virtuais, a necessária reorganização dos espaços e tempos, ponderação ante às desigualdades e um luto dos antigos ideais.

Vai passar?

Será que vamos ficar apenas esperando passar?

Nesse sentido tenho pensado esse momento como um tempo de borda. Talvez meu fascínio por litorais tenha tornado tão presente essa metáfora, que, de alguma forma, me traz conforto para enfrentar, para refletir e que me convoca a escrever.

Um tempo de borda: tempo em que o passado precisa ser ressignificado.

Um tempo de borda: tempo de um presente intenso.

Um tempo de borda: tempo de um futuro que precisa ser reinventado.

principalmente quando pacientes com quadro clínico compatível com Covid-19 vem a óbito e não são testados para confirmar que a causa da morte teria sido decorrente desta doença infecciosa em específico. Nestes casos, a causa da morte é normalmente atribuída à SRAG”, explica a pesquisa.”
<https://noticias.ufsc.br/2020/05/artigo-aponta-subnotificacao-de-casos-de-covid-19-em-santa-catarina/#more-209495>

⁵ "Estamos em um momento de expansão da crise. A gente vem observando que a covid-19 é letal na periferia. E não dá para responsabilizar as pessoas. Muitas não têm condições de cumprir o isolamento por morarem em cubículos, em que sete pessoas dividem um quarto. A impossibilidade é uma questão de estrutura, e isso revela o quanto a gente, como sociedade, ainda está atrasado quando se trata de condições dignas de habitação e saneamento básico", afirma Jorge Abrahão... – Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/06/no-brasil-covid-19-nao-mata-por-idade-mas-por-endereco-sugere-estudo.htm?cmpid=>

⁶<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dentro-do-pesadelo2/?fbclid=IwAR0KXvrE7mxbvNzdVTVSIn2I-3M7IUAeUUgaComTl8fBOnR1rU5YPJlI6PE>

Tramar imagens, palavras e esperanças

“*A função do amanhã (As direções incandescentes)*”⁷ é uma instalação do artista gaúcho Hélio Ferverza. Sua obra consiste em embrulhar em papel celofane materiais destinados ao lixo, objetos em processo de perda, expondo-os em uma mesa de trabalho. Em uma zona de borda, nas margens do Guaíba, ele escolheu alguns desses objetos encontrados em um velho galpão, onde aconteceria a Bienal do Mercosul, no ano de 1999.

O gesto do artista envolve, primeiramente, dialogar com o espaço da exposição. É o espaço que lhe fornece inspiração para o trabalho. Das ruínas, ele constrói presentes, para sustentar a função do amanhã. O artista joga com o papel celofane e sua transparência, joga com a tradição do objeto e sua função de embrulhar presentes preciosos.



Hélio Ferverza, *A Função do Amanhã (as direções incandescentes)*, 1999.

“Ao nos aproximarmos, nosso olhar penetra através da transparência e encontra a opacidade dos objetos.” (Ferverza, 2003, p. 28)

Revela que só percebemos a transparência onde ela se borra.

As direções incandescentes estão entre parênteses, pontos de corte, enigmas, “interrupção de sentido” (idem, p. 27), como nos diz o artista.

O fogo passa, ficam as cinzas, podem restar brasas, podem não restar provas...

⁷ http://www.helioferenza.net/arquivo/pontuacoes/funcao_amanha/index.htm

Ao final da exposição, ante ao embate político/econômico sobre o que seria feito com o galpão na orla do Guaíba, misteriosamente, o local é consumido pelo fogo. Descaso?

“O mais é deserto. [...] Subitamente, o ontem e o amanhã pareceram-me invisíveis [...] O amanhã revelou-se sem futuro. [...] Só o presente parece continuar visível, mas sob que condições?” (p. 38-39).

A pergunta do artista ressoa em nosso presente e nos inspira a buscar tornar presente fragmentos do passado.

Vai passar?

Quantos incêndios inexplicáveis passarão? Quantas ruínas serão destruídas? Quanta memória será apagada? Quantas mortes passarão indignas?

Alumbramento

Alumbramento significa tanto ilusão quanto inspiração. Foi a palavra dada pela artista Elida Tessler, no dia 8/5/2020, em seu Projeto artístico: “*Você me dá a sua palavra?*”, no qual ela joga com a força da palavra e a falta da palavra⁸.



Elida Tessler, *Você me dá a sua palavra?*, 2020.

Confluências... Nesse mesmo dia, refletiríamos no Sarau do LAPPAP⁹ sobre: Levantes. Mas o que seriam Levantes? Levantes vem do verbo levantar, por o corpo para cima, aumentar sua intensidade. Levantes também significa revolta, insurreição.

⁸ “Faltar com a palavra” é um ditado popular, para quem não cumpre com suas promessas.

⁹ Laboratório de pesquisa em Psicanálise, Arte e Política/UFRGS, coordenado por Edson Sousa e Maria Cristina Poli.

Uma exposição ou mesmo uma obra de arte, um texto, um poema, um gesto também podem ser Levantes. Estratégias utópicas que convocam a uma tomada de atitude, um despertar coletivo.

Todo Levante envolve alumbramento, ilusão, inspiração, sonho, aposta e, necessariamente, laço com outros, compartilhamentos.

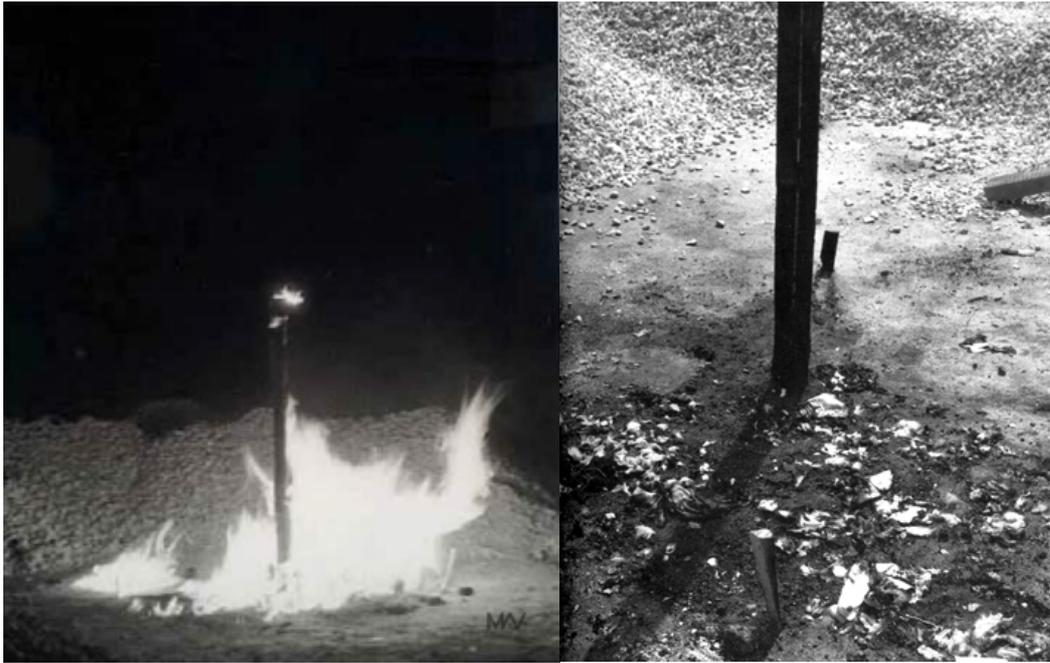
Cabe trazermos para o presente fragmentos de Levantes, como forma de inspiração, como forma de despertar e convocar o corpo à construção de um novo futuro articulado coletivamente.

Do corpo à terra

“*Do corpo à terra*” foi uma exposição organizada por Frederico de Moraes, na cidade de Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil, em 1970. A mostra ocorria em meio às comemorações da Inconfidência Mineira, envolvendo jovens artistas preocupados com a situação política que o Brasil vivia naquela época. Analisa-se que tenha sido uma das mais radicais manifestações coletivas da vanguarda brasileira. Destaco duas obras: *Tiradentes: totem-monumento ao preso político*, de Cildo Meireles e *Trouxas Ensanguentadas*, de Artur Barrio.

A obra de Cildo aconteceu como ato, na hora do vernissage da exposição, em um terreno baldio, ao lado do Palácio das Artes, local do evento. Fixou uma estaca sobre um pano branco, amarrou galinhas vivas, colocou gasolina sobre elas e ateou fogo. Ato emblemático, chocante e simbólico, também por seu título.

Tiradentes é símbolo da história de liberdade do Brasil. Líder dos Inconfidentes Mineiros, que resistiam à submissão imposta pela corte Portuguesa. Em 1792, foi delatado, condenado à forca, seu corpo foi arrastado até ser destroçado. Após a morte, expuseram partes do seu corpo em postes, na estrada que ligava Minas Gerais ao Rio de Janeiro. Sua casa foi queimada e seus bens confiscados. Mártir, hipocritamente comemorado, naquela semana dos anos 70, pelos representantes máximos do autoritarismo e da consequente restrição de liberdade do povo.



Cildo Meireles, *Tiradentes: totem-monumento ao preso político*, 1970¹⁰.

Cabe lembrar que Inconfidente significa aquele que vaza informações, que divulga segredos, que é desleal... Seria algo como a imprensa, que muitas vezes se busca calar? Até que ponto vai a lealdade na política partidária? Deveríamos ser leais ao que nos submete, ao que se impõe de forma violenta, ao que nos supõe objeto? A inconfidência demarca a atitude de dizer: Isso Não!

Mas por que matar galinhas? Cabe trazer as palavras do artista:

“O trabalho perguntava: não é uma hipocrisia você perguntar sobre a queima de galinhas, quando você está esquartejando jovens por causa de ideias e tentando cooptar um símbolo que, exatamente, morreu esquartejado pelo poder? [...] Aquilo representava a hipocrisia que reinava no Brasil.” (Meireles, In: Scovino, 2009, p. 253)

Ainda Reina...

Outro impactante trabalho são as *Trouxas Ensanguentadas*, do artista luso-brasileiro: Artur Barrio. Em embrulhos, próximos ao tamanho de um corpo, o artista colocou carne putrefata, ossos, sangue, barro, cordas, facas e jogou-as nas margens do Ribeirão Arrudas, que corria ao lado da Mostra. As Trouxas chamaram a atenção do público e acabaram por serem apreendidas pela polícia.

¹⁰ <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10593/cildo-meireles>

As *Trouxas Ensanguentadas* buscavam justamente causar impacto, expor o tema da morte indigna, fruto da tortura e da barbárie.



Artur Barrio, *Trouxas Ensanguentadas*, 1970.

“Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações”¹¹

Levantes. É preciso ser inconfidente a práticas de tortura! Não nos representam aqueles que são fiéis à tortura, aqueles que lavam as mãos ante às mortes e questionam: “E dai?” Qual a postura que se espera dos líderes e daqueles que representam o Estado? A indiferença não nos representa! Aqueles que banalizam a morte e se esquivam da responsabilidade, enquanto governantes, não nos representam! A função primeira do Estado não seria a de zelar pela vida e pelo pacto social? Tiradentes, símbolo da luta pela liberdade brasileira, líder dos Inconfidentes, em 1792, foi morto e esquartejado, denunciando os poderes que submetiam o Brasil... Vladimir Herzog, em 1975, foi morto por sua inconfidência... Marielle Franco, em 2018, foi assassinada por sua inconfidência...

Levantemos!

Em nosso presente¹², no Brasil, já contabilizamos mais de 11.000 mortes. No mundo, mais de 280.000 mortes¹³.

Vai passar!

“Dormia a nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída

¹¹ <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45184/>

¹² No dia 11 de Maio de 2020.

¹³ <https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-atinge-10-mil-mortes-e-mais-de-155-mil-casos-de-covid-19/>

Em tenebrosas transações

Seus filhos
Erravam cegos pelo continente
Levavam pedras feito penitentes
Erguendo estranhas catedrais”¹⁴

Enquanto alguns erguem estranhas catedrais; as cenas de inúmeros corpos mortos, infelizmente, retornam na atualidade. Mortes que se contabilizam em rápida progressão, arrasando famílias, colapsando sistemas de saúde, perturbando nossa capacidade de elaboração.



Em pleno pulmão do mundo, máquinas cavam a terra para enterrar de forma indigna vidas que se foram... Vidas que não podem ser reduzidas a números¹⁶, mortes que denunciam as condições desiguais e injustas de vida, mortes que clamam por dignidade.

Como seriam recebidas as obras de Cildo Meireles e Artur Barrio nos dias atuais? Elas convocam nosso corpo ante a morte. Nas bordas do espaço expositivo, denunciam, insurgem-se ante à banalização da vida e da morte.

Se no inconsciente somos imortais (Freud, 1915), a postura ética e reflexiva debruça nosso corpo sobre a perda do outro, sobre o que passou e sobre o que resta. Que

¹⁴ <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45184/>

¹⁵ <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/21/prefeitura-de-manaus-faz-valas-comuns-em-cemiterio-para-enterrar-vitimas-de-coronavirus-veja-video.ghtml>

<https://veja.abril.com.br/brasil/mortes-triplicam-em-manaus-e-corpos-sao-enterrados-em-vala-comum/>

¹⁶ <https://inumeraveis.com.br>

ensinamentos essa vida, essa singularidade deixou para aqueles que a amavam? O que transmitiu ao pacto social?

A indiferença à morte do outro expõe o desvalor à vida. A indiferença à tortura escancara a violência da relação com o outro, o desrespeito à vida, a objetualização do corpo.

Fragmento de rebeldia infantil

(Lembro de subir no telhado da casa com meu irmão. Ficávamos ali sentados, deixando o tempo passar, apreciando a casa e o jardim sobre novos ângulos. Subversão da ordem de uso dos espaços da casa, subversão dos pontos de olhar e estar. Fora-dentro....

No dia da minha formatura no curso de Psicologia, nosso paraninfo, Prof. Edson Sousa, solicitou aos formandos um fragmento da infância para tecer seu discurso. Buscava conferir esperança à nova etapa das nossas vidas. Conteí esse fragmento. Seu discurso foi muito impactante, um mosaico de presentes da infância, para inspirar nossos futuros. Meu irmão, na plateia, emocionou-se ao reconhecer aquele fragmento do passado que chegava a nós como um presente. Nossos pais, pela primeira vez, souberam da nossa “arte”, nossa rebeldia fraterna ante às desordens que habitavam a casa. Era um tempo de borda, de uma morte simbólica, tempo de mudanças.)

Interrogo-me o porquê da escolha dessa lembrança no dia em que celebrava o título profissional?

Talvez por que assumir um título, um cargo, uma ética profissional exige certas posturas, responsabilidades, requer que encontremos, com ética, elegância e respeito, formas de dizer e fazer.

“E dai?”, “Cala a boca!”

“Na humanidade, não para de morrer!” “Vocês estão desenterrando mortos, carregando um cemitério nas costas!” “Bom... sempre houve tortura!”

Certamente, envergonha-nos ouvir essas palavras dos que ocupam os cargos mais altos de uma nação. Eles não nos representam!

Esse fragmento de infância, enquanto metáfora, afirma a necessidade de outros pontos de vista, mesmo que impliquem em um certo risco. Tornei-o público, naquele dia tão simbólico, talvez por me sentir responsável por nossa subversão à ordem dos adultos, talvez na busca por elaborar aquele tempo, que até hoje nos interroga... Nossa inocente rebeldia era uma crítica em ato. Ainda hoje, ao escrever esse texto, novos sentidos se produzem... No dia da formatura, apresentado como um presente do passado, partilha uma discursividade, um desejo de colocar palavras nos atos, de manter viva a inocência

que habita os sonhos e os novos tempos. Elaboração para reinterpretação. O passado não mudou, mas contar sobre ele permite ressignificá-lo, permite dar um lugar à morte. Nesse sentido, ressignificar o passado pode semear um outro amanhã.

Vai passar?

A experiência tornada presente traz com ela a força dos sonhos, a construção de novos espaços que reinventem aqueles que nos oprimem ou que nos fazem sofrer pelo vazio de significação que deixam.

É preciso recusar a esquecer certos passados.

Preciosidades que precisam se manter como brasas, que possam reinventar futuros.

Se não resgatarmos memórias, se não nos debruçarmos sobre as mortes, ficamos expostos à brutalidade do presente e à repetição cega.

Os tristes tempos em que vivemos são ampliados pela hipocrisia dos embates políticos.

Vai passar!

Vamos esperar sentados? Levantemos! Temos uma causa comum: a vida!

A rebeldia ingênua da infância, a força e a paixão da juventude precisam habitar nossos corpos ao longo da jornada do viver.

Precisamos reinventar espaços, tecermos um comum compartilhado com todas as nuances das diferenças, buscando minimizar as desigualdades e ressaltar a dignidade da vida. Ante ao excesso de real que nos invade, nessa zona de borda, cabe elaborar para reinventar o amanhã e respirar novos ares.

“E um dia, afinal
Tinham direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval
O carnaval, o carnaval
(Vai passar)

Palmas pra ala dos barões famintos
O bloco dos napoleões retintos
E os pigmeus do bulevar
Meu Deus, vem olhar
Vem ver de perto uma cidade a cantar
A evolução da liberdade
Até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral vai passar

Vai passar...”¹⁷

Referências bibliográficas:

FERVENZA, Hélio. *O + é deserto*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

FREUD, Sigmund. *O Inconsciente*. 1915. Disponível em:
<http://www.freudonline.com.br/livros/volume-14/vol-xiv-5-o-inconsciente-1915/>

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

MARSILLAC, Ana L. M. *Aberturas Utópicas: arte, política e psicanálise*. Curitiba: Ed. Appris, 2018.

SCOVINO, Felipe. (org.) *Encontros: Cildo Meireles*. Campinas: Papirus, 2009.

¹⁷ <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45184/>